

ABELARD E A QUESTÃO DOS UNIVERSAIS

Marcio Chaves-Tannús *

"Na discussão sobre os universais, a posição de Abelardo é típica e vai influenciar poderosamente o desenvolvimento posterior do problema. Com efeito, Abelardo foi o primeiro que baseou a sua solução não já na verdadeira ou suposta realidade metafísica do conceito, mas unicamente na sua função, que é a de significar as coisas."

ABBAGNANO (s/d): p. 98.

"Boécio distingue três espécies de filosofia, isto é, a especulativa, que investiga a natureza das coisas; a moral, que considera a questão da vida honesta; e a racional, denominada lógica pelos gregos e que trata da argumentação. Alguns autores, entretanto, separam a lógica da filosofia com afirmar que ela constitui mais um instrumento, de acordo com Boécio, do que uma parte da ciência filosófica, (. . .). O próprio Boécio rebate essa opinião com afirmar que nada impede a lógica de ser, ao mesmo tempo, instrumento e parte da filosofia. . ."

ABELARDO (73): p. 207.

1 - INTRODUÇÃO

Pierre Abélard, o mais importante lógico do século XII, filósofo e teólogo francês, nasceu em 1079 em Le Pallet, próximo a Nantes, na Bretanha.

O estudo do "Trivium" (gramática, retórica, dialética) foi a base de sua formação intelectual. Já como estudante ele entra em contato, e se ocupa, com o principal problema filosófico da primeira metade do século XII: a questão dos universais. Ocupação que ele mais tarde, como professor de lógica,

aprofunda e intensifica. Em sua obra ele desenvolve uma posição própria, uma espécie de variante do "conceptualismo"; uma alternativa teórica correta, do ponto de vista lógico, ao beco sem saída em que se encontrava, e se encontra, uma das mais persistentes querelas da história da filosofia: aquela entre os nominalistas, de um lado, e os realistas, de outro. Querela geralmente acobertada por denominações outras, nem por isto, contudo, menos presente na Lógica, na Ontologia, na Filosofia das Ciên-

* Professor do Departamento de Filosofia da UFU.

cias e na Lingüística contemporâneas.

No nosso século, todavia, o conhecimento escasso da produção filosófica medieval, assim como uma concepção da história que situa no presente seu ponto de referência único são fatores que têm contribuído para que a produção atual, com freqüência, se caracterize, ou pela esterilidade, ou pela inconsciência de sua natureza repetitiva.

A finalidade do presente trabalho é fornecer elementos iniciais úteis à compreensão e à avaliação do contributo de *Abélard* à questão dos universais.

2 - A Questão dos universais.

A discussão filosófica em torno dos universais é pelo menos tão velha quanto a disputa de *Sócrates* com os sofistas. Contra estes, *Sócrates*, de acordo com o testemunho de *Platão*, afirmou a existência real das idéias, ou conceitos, posteriormente denominados "universais". Conceitos cuja expressão lingüística são ou os substantivos abstratos, tais como: "justiça", "virtude", "beleza", "bondade", etc., ou os concretos comuns, tais como: "homem", "árvore", "pedra", etc. *Sócrates* assevera, mesmo, que as idéias formam a única realidade de fato: não perecível, imutável, captável apenas pelo espírito.

Para ele, a existência das idéias precede, torna possível a sua própria materialização em casos particulares, perceptíveis pelos sentidos. Assim, as ações virtuosas, por exemplo, pressupõem, como necessária à sua própria, a existência da idéia de virtude. As ações justas, a de justiça, e assim por diante. De acordo com esta teoria, as ocorrências singulares como, por exemplo, um belo corpo são apenas o reflexo pálido, a projeção deformada, de existência apenas passageira, das idéias gerais imperecíveis, como a idéia de beleza. Uma tentativa eloqüente de apresentação didática desta concepção nos é fornecida pela famosa alegoria da caverna¹.

Interessantes, e não desprovidas de peso para a história posterior da filosofia, são as conseqüências epistemológicas desta concepção. Coerente com seu ponto de vista ontológico, *Sócrates* declara serem as idéias, e não as manifestações particulares destas, o único objeto digno do conhecimento filosófico. Com este passo, ele afasta sua filosofia da investigação da realidade empírica, do mundo captável pelos sentidos. Afasta e atribui a toda disciplina que se ocupe com a investigação de fatos empíricos um papel de importância secundária.

A tradição filosófica do "idealismo", oriunda da teoria das idéias que *Platão* atribui a *Sócrates*, é representada no século XII de nossa era, com características próprias à época, pelos

1. Cf.: Platon (50): livre septième, pp. 1101-5.

chamados "realistas". Para eles, os universais são seres concretos de existência real. A posição contrária, a dos chamados "nominalistas", negava aos universais qualquer tipo de existência e afirmava serem eles meros nomes, emissões sonoras, palavras. A terceira posição, o "conceptualismo", posição intermediária entre as duas anteriores, não negava aos universais todo e qualquer tipo de existência; não os enxergava, contudo, como seres concretos, de existência independente da mente que os concebe.

3 – De Sócrates a Abélard.

Precisada por *Aristóteles*, comentada e transmitida à posteridade por *Porfírio* e depois *Boécio*, a questão dos universais chega ao século XI e, através de seus mestres, a *Abélard*. *Étienne Gilson* situa historicamente e descreve, como segue, as circunstâncias em que *Abélard* entra em contato com a questão:

"Comme tous les professeurs de logique de son temps, Abélard rencontre la philosophie à propos du problème des universaux".²

A seguir, ele descreve o que era a questão dos universais, tal como *Abélard* a conheceu:

"Les questions posées par Porphyre étaient d'abord de savoir si les universaux existent dans la réalité ou seulement dans la pensée: (...); ensuite au cas où ils existeraient réellement, s'ils sont corporels ou incorporels; troisièmement, s'ils sont séparés des choses sensibles ou s'ils y sont engagés."³

Finalmente, ele expõe a contribuição de *Abélard* à formação da questão, tal como ela, desde então, se tornou conhecida:

"A ces trois questions de Porphyre, Abélard en ajoute de lui-même une quatrième, destinée à devenir classique comme l'étaient déjà les trois premières: les genres et les espèces auraient-ils encore une signification pour la pensée, si les individus correspondants cessaient d'exister? Par exemple, le mot 'rose' aurait-il encore un sens, s'il n'y avait plus des roses?"⁴

Gilson observa, ainda, que:

"La réponse à ces divers problèmes dépend de la solution du premier: les universaux ne sont-ils que des objets de pensée, ou existent-ils en réalité?"⁵

2. Gilson (s/d): p. 282.

3. Ibid.

4. Ibid.

5. Ibid.

No próximo capítulo deste será verificada, com auxílio de um texto do próprio *Abélard*⁶, a maneira como ele aborda a questão. Serão apresentadas, também, algumas das soluções, por ele propostas, a alguns de seus aspectos particulares.

4 – *Abélard* e a questão dos universais: aspectos de sua posição.

Abélard começa o texto de sua crítica primeira ao “realismo” afirmando que, se por um lado é certo que os gêneros e espécies são universais, por outro, resta decidir se eles são apenas nomes, o que corresponde à posição do “nominalismo”, ou se eles são coisas reais que os nomes designam, o que corresponde à posição do “realismo”⁷. Neste texto, ele fornece-nos, em uma primeira aproximação, uma decisão relativa a esta pergunta. Decisão ainda incompleta, porém definitiva, enquanto aspecto já estabelecido de uma resposta mais ampla.

Depois de verificar que a tradição, conforme o atestam os exemplos de *Aristóteles*, *Porfírio* e *Boécio*, concebe como universais tanto os nomes, como as hipotéticas coisas por eles designadas, *Abélard* se propõe a exa-

minar como esta mesma tradição confere às coisas, sejam elas individuais, ou tomadas em conjunto, a característica de serem universais⁸.

A primeira posição examinada atribui às coisas, cuja forma é considerada de uma para outra diversa, uma substância sempre idêntica a si mesma, uma essência material comum a todos indivíduos singulares⁹. A análise que *Abélard* desta posição nos legou move-se dentro dos limites, por ele explicitamente adotados, da lógica de *Aristóteles*. Ele a conduz ao absurdo deduzindo dela consequências incompatíveis com os postulados desta mesma lógica¹⁰.

A segunda das posições consideradas, sem negar a existência dos universais, nega, porém, a existência nas coisas de uma essência comum, presente em todos indivíduos singulares; seja como forma, seja como substância. Esta posição, *Abélard* a caracteriza assim:

“Aussi, estimant que toutes les choses sont distinctes les unes des autres en sorte qu’aucune d’elles ne partage avec une autre ni une matière essentiellement la même ni une forme essentiellement la même, mais professant encore la réalité de l’universel, ils disent que les êtres distincts sont

6. “La première critique du réalisme”. Cf.: Bibliografia: I – Obras citadas.

7. Cf.: *Abélard* (69): p. 111.

8. Cf.: *Ibid.*: pp. 111-2.

9. Cf.: *Ibid.*: pp. 112-3.

10. Cf.: *Ibid.*: pp. 113-6.

une même chose, non *par essence*, mais *par non-différence*: . . ." ¹¹

E continua com a clareza e precisão que lhe são próprias:

" . . . par exemple, ils disent que les hommes singuliers, distincts en eux-mêmes, sont un même être *dans l'homme*, c'est-à-dire qu'ils *ne diffèrent pas* dans la nature de l'humanité; ces hommes qu'ils disent singuliers à raison de leur distinction, ils les disent universels à raison de la non-différence et de leur concours en une même ressemblance." ¹²

Abélard nos fornece vários argumentos contra esta posição que ele nos apresenta em duas variantes. A primeira localiza os universais em agrupamentos de indivíduos. A segunda os localiza em cada indivíduo particular ¹³. Citarei, a seguir, um trecho de seu revide à segunda destas variantes, com o intuito de mostrar o elevado nível técnico-formal, como de conteúdo, da argumentação de *Abélard*.

"Or, certains prennent 'se rencontrer dans l'homme' en un sens négatif, comme si l'on disait: Socrate ne diffère pas de Platon

dans l'homme. Mais de ce biais on peut dire aussi qu'il n'en diffère pas dans la pierre, ni l'un ni l'autre n'étant une pierre, et ainsi on n'indique pas une plus grande convenance entre eux dans l'homme que dans la pierre, à moins qu'on n'énonce d'abord une autre proposition, et qu'on ne dise: ils sont hommes, en tant qu'ils ne diffèrent pas dans l'homme. Mais cela ne peut se soutenir, même de cette façon, car il est absolument faux qu'ils ne diffèrent pas dans l'homme. Car si Socrate ne diffère pas de Platon dans la chose, qu'est l'homme, il n'en diffère pas non plus en soi-même. Si donc en soi-même il diffère de lui, et s'il est lui-même la chose qu'est l'homme, alors il en diffère aussi dans la chose qu'est l'homme." ¹⁴

Após operar a desmontagem da posição "realista", o próximo passo será estabelecer a diferença entre as predicções da lógica e da gramática ¹⁵. *Abélard* o faz servindo-se do seguinte exemplo: a frase gramaticalmente correta "O homem é uma pedra" expressa, contudo, uma predicação logicamente falsa, pois impossível, segundo a natureza das coisas. Resultado de fundamental importância, porque estabelece uma diferença de base entre os univer-

11. ABÉLARD (69): p. 116.

12. Ibid.

13. Cf.: Ibid.: p. 117

14. Ibid.: pp. 119-20.

15. Cf.: Ibid.: p. 120.

sais da lógica e os nomes gramaticais que os designam. Resultado, enfim, que assinala uma diferença significativa entre a posição de *Abélard* e o "nominalismo". Isto, porque admitindo-se serem os universais meras emissões sonoras ("flatus vocis"), como o afirmam os "nominalistas", então dever-se-á necessariamente admitir que toda construção gramaticalmente correta o é, também, logicamente.

No último parágrafo de seu texto, *Abélard* nos adianta, em caráter introdutório, as etapas iniciais de sua própria resposta à questão dos universais.

De início, ele nos diz:

"... Le mot *homme* désigne les hommes particuliers pour une raison que leur est commune, à savoir, parce qu'ils sont des hommes... Etudions cette raison. Les hommes singuliers, distincts les uns des autres, diffèrent par leurs essences propres et par leurs formes propres, comme nous l'avons montré plus haut en étudiant ce qu'est une chose du point de vue de la physique; pourtant ils se rencontrent en ce qu'ils sont des hommes. Je ne dis pas qu'ils se rencontrent dans l'homme – car l'homme n'est aucune chose, sinon une chose individuelle – mais *dans l'être-homme*. L'être homme n'est pas

un homme, ni une chose..."¹⁶

E logo após, um pouco mais à frente:

"Or il paraît inadmissible que des choses se rencontrent à raison de ce qui n'est pas une chose, comme si l'on n'aurait dans le néant ce qui existe. C'est bien ce qu'on fait lorsque l'on dit que celui-ci et celui-là se rencontrent dans l'état d'homme, c'est-à-dire en ce qu'ils sont des hommes."¹⁷

para, finalmente, nos esclarecer o que ele entende por: "état d'homme", por "être-homme":

"Nous appelons 'état d'homme' l'*être-homme*, qui n'est pas une chose, et nous avons dit que c'est la raison commune pour laquelle un nom est donné à des hommes singuliers, selon qu'ils se rencontrent l'un avec l'autre. Or souvent on appelle cause ce qui n'est pas une chose; on dit par exemple: il a été frappé parce qu'il ne veut pas aller sur la place publique. 'Il ne veut pas aller sur la place publique', c'est une cause qu'on assigne, et ce n'est pas une essence."¹⁸

O texto de *Abélard* termina lá, onde ele começa a expor-nos sua teoria. Neste exato ponto termina, também, este trabalho.

16. ABÉLARD (69): p. 121.

17. Ibid.: pp. 121-2.

18. Ibid.: p. 122.

BIBLIOGRAFIA

I – Obras citadas.

- Abbagnano, N. (s/d): **História da filosofia**: 14 vols., Editorial Presença, Lisboa, (s/d). Vol. III.
- Abélard, P. (69): La première critique du réalisme, in: Jolivet, J.: **Abélard**, Seghers, Paris, 1969. Pp. 111-22.
- Abelardo, P. (73): Lógica para principiantes, in: **Os Pensadores**: LII vols., Abril Cultural, São Paulo, 1973. Vol. VII.
- Gilson, E. (s/d): **La Philosophie au Moyen Age**: 2 tomes, Payot, Paris, (s/d). Tome I.
- Platon (50): La République, in: **Oeuvres complètes**: 2 vols., Bibliothèque de la Pléiade, Gallimard, Paris, 1950. Vol. I, pp. 857-1241.

II – Obras consultadas.

- Abbagnano, N. (82): **Dicionário de filosofia**, Mestre Jou, São Paulo, 1982.
- Apel, M.; Ludz, P. (76): **Philosophisches Woerterbuch**, W. de Gruyter, Berlin, 1976.
- Dictionnaire biographique des auteurs** (52): 4 vols., Robert Laffont, Paris, 1952.
- Dictionnaire des oeuvres** (54): 7 vols., Robert Laffont, Paris, 1954.
- DTV-Lexikon** (80): 20 vols., Deutscher Taschenbuch Verlag, Muenchen, 1980.
- Ferrater Mora, J. (86): **Diccionario de filosofía**: 4 vols., Alianza, Madrid, 1986.
- História das grandes idéias do mundo ocidental** (72): 4 vols., Abril Cultural, São Paulo, 1972. Vol. I, cap. 9: Abelardo.
- Kneale, M.; Kneale, W. (80): **O Desenvolvimento da lógica**, Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1980.

Lalande, A. (80): **Vocabulaire technique et critique de la philosophie**, Presses Universitaires de France, Paris, 1980.

Letort-Trégaro, J. -P. (81): **Pierre Abélard**, Payot, Paris, 1981.

Pernoud, R. (70): **Héloïse et Abélard**, Albin Michel – Le Livre de Poche, Paris, 1970.

Stegmueller, W. (67): Das Universalien Problem einst und jetzt, in: **Glauben, Wissen und Erkennen, plus: Das Universalien Problem einst und jetzt**, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, Darmstadt, 1967.